



“OS MAIS VÊI FALAVA E EU ASSUNTAVA”: D. MARIA DA CRUZ, ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS.

Lívia Rodrigues Canabrava

Introdução

Diferente do que propõe a história retratada na obra de Diogo de Vasconcelos, *História Média de Minas Gerais* (1918), Maria da Cruz aparece nas narrativas dos moradores da cidade de Pedras de Maria da Cruz como a mulher má, contrastando com a imagem de heroína dos sertões construída por esse autor. Nessa perspectiva o presente trabalho, parte integrante da pesquisa de Mestrado em História Social, intitulada *Maria da Cruz: História, Memória e Imaginário*, pretende nortear a discussão a respeito do uso de fontes orais. Para tanto, há uma discussão inicial em torno das mudanças no aparato teórico/metodológico da historiografia, corroborando para a utilização das fontes orais, bem como o uso da memória, aspectos presentes quando se trabalha com a oralidade. Não obstante, tratará da importância dessa fonte para a escrita da história local da cidade de Pedras de Maria da Cruz. Expondo as novas formas de se analisar a história de determinada sociedade, dando ênfase à história oral e à sua importância para escrita da história local, e por meio dessa análise perceber como as narrativas sobre Maria da Cruz vem sendo constituídas ao longo do tempo na memória coletiva e individual dos moradores da cidade que leva seu nome.

A contribuição da memória para a escrita da história é de longa data, pois “vemos que os homens, desde sempre, sentem necessidade de explicar para si próprio sua origem e sua vida. A primeira forma de explicação que surge nas sociedades primitivas é o mito, sempre transmitido em forma de tradição oral” [1]. Na fala de Vavy Borges [1] percebemos que a oralidade tem seu berço nas sociedades iletradas, e hoje se tornou um método consagrado por muitos historiadores. Assim, faz-se necessário aqui pensar sobre o papel da memória à luz da oralidade e seus respectivos papéis na (re)construção de uma história local. A memória vista à luz da história traz em si a apreensão de fatos, seja por meio de vivências ou pelo contato com pessoas que vivenciaram o acontecimento. Dessa forma notamos dois espaços da memória: a memória coletiva e a memória individual. A memória coletiva influencia diretamente na construção da memória individual a partir dos pontos de vista do indivíduo sobre o coletivo social. A memória individual é construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo. Nesse contexto “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados empregados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” [2]. Percebemos que as lembranças adquiridas por uma pessoa são fatos que ela vivenciou quando era criança ou, por outro lado, nunca vivenciou de fato, ou seja, foram discursos construídos a partir de relatos que ouvia em sua família ou em outro meio social. Os discursos construídos sobre Maria da Cruz, ao longo da história local da cidade de Pedras de Maria da Cruz passaram por um processo de “construção e “desconstrução” na memória desses ribeirinhos, por retratarem um passado longínquo e que as pessoas do lugar não viveram, mas internalizaram a partir da sociedade. A esse respeito Le Goff salienta que “a memória pode ser como uma propriedade de conservar curtas informações que remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais homens podem atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passadas” [3]. Nesse sentido, A memória como perspectiva historiográfica pode contribuir para uma renovação da história contada e reproduzida sobre Maria da Cruz, uma vez que traz a tona histórias diferentes das validadas na historiografia e na literatura regional. Dando a oportunidade para que história seja contada sobre a ótica das identidades locais.

Material e métodos

O tipo de pesquisa aqui tencionado se configura de cunho histórico, tendo como referência a história social. Para a realização desse trabalho faremos o uso de fontes orais, identificadas em entrevistas com moradores de Pedras de Maria da Cruz, além da análise teórica sobre o assunto. Teceremos uma discussão sobre a memória como perspectiva historiográfica, com o objetivo de expor as novas formas de se analisar a história de determinada sociedade, dando ênfase à história oral e à sua importância para escrita da história local. Articular empiria, teoria e oralidade, aponta a metodologia como dialógica e analítica, numa busca constante pela compreensão histórica sobre a presença da mulher Maria da Cruz na memória e no imaginário dos moradores do município norte mineiro que leva seu nome.



Discussão

A história interessou-se pela oralidade na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas. Lozano [4] pondera que a oralidade “é antes um espaço de contato e influências interdisciplinares, sociais em escala e níveis locais e regionais, com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais.” [4]. De acordo com Jean Jaques Becker [5] a memória pode dar palavra aos esquecidos da história, aos que não tem tempo, capacidade ou vontade de escrever; assim o passado espelhado no futuro reproduz através das narrativas a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstrução dessa dinâmica pelo processo de recordação que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos e omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar dos depoentes. Com base em Delgado [6], o ponto comum que inscreve as referidas produções de documentos no campo da história oral encontra-se no fato de fazerem da memória e da narrativa elementos importantes para a projeção de épocas e acontecimentos que tiveram importância para a vida da comunidade.

Maria da Cruz está presente nas memórias, causos e contos dos barranqueiros e neles ela aparece mais como vilã do que como heroína. Há nas cidades ribeirinhas, especificamente na cidade de Pedras de Maria da Cruz, uma versão muito diferenciada sobre essa personagem da que se propaga na historiografia. Corroborando com Alexandre Souza [7], sua história vem sendo alimentada nessa cidade pelas lembranças constituídas por meio da oralidade, sendo transmitida entre as várias gerações. Ela aparece como a mulher má, que maltratava seus escravos, era hábito mandar enterrá-los ainda vivos. Também mandava saquear as embarcações que passavam no rio. É conhecida pelo seu misticismo. Histórias construídas pelo *ouvi dizer*, com afirmam os entrevistados: “Quem contava era meu pai”, ou “os mais vei valava e eu assuntava”.

Considerações finais

Por meio da oralidade, pudemos perceber que a visão dos moradores mais antigos da cidade de Pedras de Maria da Cruz sobre essa personagem se diferencia da imagem que foi construída pela historiografia. Nos depoimentos dos entrevistados é possível notar que, nessa cidade, Maria da Cruz aparece na narrativa dos mais idosos como a mulher má que maltratava seus escravos e que salteava cargas que passavam por essa região, ou seja, na memória dos moradores pedrenses ela aparece muito mais como uma vilã do que uma heroína proposta por Vasconcelos e outros autores.

Referências

- [1] BORGES, Vavi Pacheco. *O que é história*: São Paulo: Brasiliense, p.10-11. 1993.
- [2] HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*: São Paulo: Centauro, p. 75-76.2004
- [3] LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp,. 423, 1990.
- [4] . LOZANO, Jorge Eduardo Acerves. *Práticas e Estilos de Pesquisa na História Oral Contemporânea* in: _ FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV.p.16, 2006.
- [5] BECKER, Jean- Jacques. *O Handicap do Posterior* in: _ FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- [6] DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral, memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- [7] SOUZA, Alexandre Rodrigues. *A Dona do Sertão: Mulher, Rebelião e Discurso Político em Minas Gerais no Século XVIII*. Dissertação (mestrado em história). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2011.